

### Uma abordagem pós-orientalista

O escritor e realizador Pier Paolo Pasolini visitou a Índia pela primeira vez entre dezembro de 1960 e janeiro de 1961, na companhia de Elsa Morante e Alberto Moravia. Escreveu uma série de artigos, publicados posteriormente no jornal *Il Giorno*, que foram compilados no presente livro, *O odor da Índia*.

O autor transborda para o texto aquilo que vê e que experiencia, com uma alta dose de realismo, como seria típico de um texto jornalístico, no entanto, a partir dos elementos factuais, as sensações elevam-se a outra dimensão e soltam-se do decalque da realidade pela ascensão da viagem interior. Daqui brota um profundo sentido poético e uma visão controversa — marcas próprias do autor. O “estado penoso” (p. 24) de excitação em que se encontra à chegada contrasta com a postura do seu companheiro Moravia, um pouco ausente e distante da experiência vivida *in loco* por que Pasolini tanto anseia.

*Un’idea dell’India*, a obra que resulta da compilação de textos acerca desta viagem que Alberto Moravia publicou no *Il Corriere della Sera*, enquadra-se num eixo diametralmente oposto ao de Pasolini. Enquanto este se centra na sua experiência de alteridade e se funde com o Outro num cenário de uma contrastante decadência e miséria, adornadas pelo forte apelo aos sentidos, Moravia revela-se como um puro orientalista: uma figura distante e altiva, envolto ainda numa capa de *dandy*, resguardado no seu quarto de hotel ou permanecendo dentro do carro, imune à experiência da alteridade.

As promessas de desenvolvimento humano que atraíam um círculo de curiosos e intelectuais à Índia do pós-independência seduziam o Ocidente com estes novos clichês neo-orientalistas: era então, o país de Gandhi, da Madre Teresa de Calcutá, do *yoga* e de uma espiritualidade milenar. No entanto, logo desde a chegada, à Porta da Índia, esta imagem desfalece na escrita de Pasolini que nos revela a sua visão de um país cujas

dimensões cultural e espiritual ancestrais surgem desarticuladas com o sentido de sociedade moderna. O autor descreve a “cadavérica sensualidade da paisagem indiana” (p.110) e revela uma população ao abandono da classe política embebida num rasto imperialista que continua a provocar atrozidades na sociedade da época.

### Intensidade contrastante

Ciente da sua posição privilegiada, Pasolini reage com uma profunda condolência, num gesto de genuína reciprocidade: “eu estendia a mão a todos aqueles que surgiam no meu caminho, e todos me estendiam, sem embaraço [...]” (p. 90). Este é o gesto que reside no pano de fundo desta obra, sempre carregada de uma visão crítica, numa ode aos sentidos, descrevendo um cenário desolador e de profundos contrastes invadido pelo constante grasnar dos corvos: vacas sagradas “deambulavam entre deambuladores” (p. 27), “obscenamente magras”(p. 28); o Ganges, supostamente o *ex libris* dos rituais hindus, surge como um rio portador de doenças, onde “navegam todo o lixo e os cadáveres de uma cidade” (p. 95); a população era uma enorme multidão que “exalava um sentido de miséria, de indizível indignação” (p. 29), apesar de tudo, feliz. Até os edifícios públicos ganham contornos de “fome e desfalecimento” (p. 28). Mesmo os elementos naturais da paisagem, como a lua de “luz leitosa e impura” (p. 30), ou ideológicos, como uma “paz intensa e suja” (p. 26), surgem como oxímoros, que tão bem representam as tensões entre extremos a que assiste.

As descrições centram-se nas pessoas que se tornam protagonistas das suas crónicas, como é o caso de Sundar e Sardar. Como aponta Pasolini: “são os primeiros indianos de uma experiência que pretende ser exclusiva como a minha.” (p. 24). A experiência da alteridade é, pois, visceral nesta obra — o coração que pulsa por detrás de toda a ideologia que lhe é subjacente. Pasolini não deixa de exaltar as virtudes do povo que surge como “grandioso e ao mesmo tempo miserável” (p. 32) que descreve como “todo doçura e submissão: hindu até ao fundo” (p. 31). Aqueles eram os mesmos rapazes que havia encontrado a comer “o *pudding*, os restos dos jantares do hotel” (p. 32), como se comessem os restos de uma civilização ocidental e imperialista que os marginalizava e os mantinha nos limites da pobreza — uma imagem reveladora das contradições e discrepâncias sociais que o autor aponta e coloca diante dos olhos e dos outros sentidos do leitor.

Como não poderia deixar de ser, Pasolini oferece-nos uma obra que transborda de intensidade: “Em todos os instantes há um odor, uma cor, um sentido que é a Índia” (p. 112). Este odor — que dá o título a esta obra — de “comida pobre” e de “cadáveres” “corta a respiração”. É um odor que se torna numa “entidade física quase animada [...]” (pp. 71-72).

Na sua “ânsia de ver” (p. 43), Pasolini busca uma verdade nas “coisas que acontecem a todos” (p. 43) e por isso procura comparações entre o que vê na Índia e na Itália — como o que poderia ver no resto do mundo, sugerindo que não importa onde, o olhar em redor e direcionado ao Outro pode ser desvelado por uma atitude crítica consciente das fragilidades e desigualdades originadas no seio de um mundo industrializado e globalizado. Neste sentido, Pasolini procura desconstruir a ideia de uma Índia mitificada e, com isso, demonstrar que esta imagem provém de uma construção orientalista: “Que fique bem claro que a Índia não tem nada de misterioso, como dizem as lendas” (p. 73).

Se “o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) como contraposição à sua imagem, como ideia, personalidade e experiência contrárias à sua” (Said, 2004: 2), Pasolini acaba por desfazer esta imagem do espelho invertido do Outro, procurando fundir-se, colocar-se na sua pele, traçando um mapa sem fronteiras daquilo que é humano e pode ser igual em toda a parte.

### A desmitificação do Oriente

Com a massiva industrialização que ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, a queda dos regimes fascistas e o conseqüente *boom* económico, Pasolini considerava, com pessimismo, que as culturas estavam a perder a sua expressão e sentido de diversidade em prol de um consumismo de massas. É desta visão negativa do presente que advém, na sua obra, uma nostalgia do passado e um gosto especial pelas culturas arcaicas reprimidas.

Nesta sua primeira viagem à Índia, Pasolini propõe-nos uma visão pós-orientalista, na medida em que desconstrói o ideário da Índia dos anos 60, como a entrada para um templo de espiritualidade sagrada e milenar, um reino de paz, repleto de magia e mistério, afinal um lugar onde reina a miséria de um povo dócil com um “sorriso de açúcar” (p. 59), a monotonia da paisagem e a negligência dos seus governantes resguardados num mundo ocidentalizado de privilégios e influências, com resquícios de colonialismo.

Numa viagem a um local turístico, a Tekkadi, onde esperava ver animais selvagens, o autor constata: “Na realidade não vimos mesmo nada, e o ingénuo prazer de ver animais ferozes em liberdade só pode satisfazer em África.” (p. 81). Em viagem de regresso a Chattarpur, de carro, Pasolini e Moravia procuram estadia. Na estrada de terra batida cintilam “as luzes das *Mil e uma noites*, mas miseravelmente, modestamente, rústicamente.” (p. 116). Um outro exemplo desta intenção de desmitificação é a referência a um cartaz publicitário “com a figura de um camelo e inscrições hindus” (p. 130) que em nada se parece com quaisquer das descrições da Índia. Outro *topos* muito recorrente nas viagens ao Oriente é a figura do “encantador de serpentes” (p.106). Neste exemplo, podemos ver como a prosa do autor extravasa com enorme fluidez para o campo da ficção, na sua forma de engendrar uma visão crítica sobre aquilo a que assiste:

“E o encantador com as suas cobras que, ao ver avançar para ele um europeu, vai tocando: piru-piru-piru com a sua trombeta e a cobra começa a balouçar-se a dizer que sim; e também a dançar. Foi com ela que os indianos aprenderam a dizer que sim e a dançar.” (p.118)

Note-se que este “dizer que sim” corresponde ao “*Yes, sir*” (p.118), sempre pronto e solícito, dos indianos perante o europeu — uma denúncia do rasto colonial que contribui para a representação distorcida da identidade do povo deixado à margem, em estado de miséria.

A visão crítica de Pasolini recai sobre muitos outros temas, como o sistema de castas (supostamente abolido) e, em particular, a intocabilidade, as abluções, o analfabetismo e a já mencionada miséria de um povo negligenciado pela classe política e influente que frequenta o *Ritz* e o *Rotary Club*. O autor sublinha o “abismo” (p. 90) entre Nehru, o governante de então, e os indianos.

Devorar o mundo até chegar ao Outro

“São as primeiras horas da minha presença na Índia e eu não sei dominar o animal sedento fechado dentro de mim, como numa jaula.” (p. 23). É com esta fome de devorar o mundo que Pasolini inicia a sua viagem.

A entrada de rompante, *in media res*, nos diferentes capítulos dá conta da profusa atividade em que vive e escreve. A motivação desta intensa incursão *in loco* carrega o

idealismo subjacente — a busca da universalidade inerente à condição humana — e deriva de um desejo voraz pela aventura de presenciar o mundo, com as implicações íntimas que isso tem na sua escrita.

Aliado ao carácter jornalístico do texto, sobressai o tom poético que dá primazia à visão. Pasolini constantemente põe diante dos nossos olhos a “matéria visual e fervilhante” (p. 128) a que assiste em picos de uma intensidade contrastante, algo dolorosa.

A presente edição conta com alguns extras, entre os quais dois dos seus manuscritos: um excerto do relato do Pequeno Passeio a Ajanta e a Carta de Benares. A presença destes paratextos permite aproximarmo-nos um pouco daquela vivência. Uma letra veloz e extremamente organizada, com pouquíssimas rasuras no texto, constata a intensa vivacidade do espírito do autor.

O eixo temporal que atravessa a narrativa permite que o leitor assista ao poder transformador desta viagem a que o autor é totalmente permeável. À chegada, ouve cânticos que lhe parecem ser “a primeira vez que alguém canta no mundo.” (p. 26). Com o avançar nesta experiência, o choque cultural vai-se atenuando, até que o escritor começa a exasperar com a “terrível monotonia da Índia” (p. 117). Isto não significa uma perda de interesse na viagem, mas que o autor já incorporou aquela experiência e assimilou o propósito de se dissolver na multidão, apesar da perfeita consciência da sua diferença e que se revela sublime nesta passagem:

“Caminho devagar, observando com o impudor do estrangeiro de censo superior: tenho viva a sensação da minha roupa, de facto nada esplendorosa e também ela suja e não pouco: mas garante de um outro mundo que eu arrasto neste, que no fundo é tão igual, como se fosse insustentavelmente diferente.” (p. 129)

Pasolini envolve-se, trata o Outro pelo seu nome, cria laços de afeto, como demonstra o episódio de Revi, uma criança que apadrinha e ajuda a tirar das ruas e da miséria. O escritor apreende um lugar que lhe é estranho e distante através de um contacto direto e desarmado.

Em *O odor da Índia*, sublinha-se o sentido visceral que toma a experiência de alteridade vivenciada intensamente por Pasolini — este viajante com uma fome de mundo que começa na Índia e abrange o planeta inteiro. Esta leitura permite que o leitor viaje ao cerne onde se dá um efetivo reconhecimento da diferença e talvez este exercício seja o

mais nobre de todos os explanados pela literatura de viagens, pois aponta, sem dúvida, para o potencial humano para alcançar a paz de que hoje em dia o mundo tanto carece.

Sofia Freire

Obras citadas:

Pier Paolo Pasolini (2022). *O Odor da Índia*. Saída de Emergência

Edward Said (2004). *Orientalismo*. Cotovia